



# OXIGENAÇÕES ESTÉTICO- ESPERANÇOSAS PARA SOBREVOOS EM TEMPOS PANDÊMICOS<sup>1</sup>

**CÉSAR AUGUSTO PARO**

Doutorando em Saúde Coletiva (UFRJ). Possui Residência Artística em Teatro do Oprimido (CTO) e em Arte e Saúde (UFPE). Integra o GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, o Laboratório de Estudos em Atenção Primária à Saúde (UFRJ) e o GT de Educação Popular e Saúde da Abrasco.

**CLÉO LIMA**

Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Pesquisadora na Linha de Micropolítica do Cuidado em Trabalho e Saúde (UFRJ). Pedagoga, escritora, palhaça, brincante e especialista na concepção de brinquedotecas em hospitais e na Atenção Primária à Saúde.

<sup>1</sup> Agradecemos à pesquisadora Evelin Gomes Esperandio pela revisão crítica do manuscrito.

## RESUMO

A partir do contexto pandêmico associado às crises sanitária, política, psicossocial e cultural que vivemos, buscamos, neste ensaio, traçar reflexões para a intercessão entre arte e saúde nos processos educativos na saúde. Em diálogo com a noção de arte como dimensão humana do Teatro do Oprimido sistematizada por Augusto Boal e com o horizonte ético-político-pedagógico da Educação Popular proposto por Paulo Freire, propomos uma estética dialógica da existência cidadã na formação em saúde, de modo a *inédito-viabilizar* novos voos para esse campo de saberes e práticas. Em oposição à instrumentalidade com que a arte é considerada na saúde e à hegemonia do pensamento científico universal-generalizante no cuidado, advogamos pela importância de se pensar uma formação que engendre grupalidades em processos críticos e reflexivos que articulam tanto o pensamento sensível quanto o simbólico.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Educação Popular.  
Teatro do Oprimido.  
Diálogo.  
Práticas educativas na saúde.

## ABSTRACT

*This essay aims to reflect on the intersection of art and health for educative processes in health field due to the pandemic time associated with the sanitary, political, psychosocial and cultural crisis that we live. We propose an aesthetic dialogue of citizen existence in health education to engage news "flies" for this field. For this, our dialogue combines the notion of art as a human dimension from the Theater of the Oppressed developed by Augusto Boal with the ethical, political, and pedagogical perspective from the Popular Education developed by Paulo Freire. The text seeks to interpose two perspectives in the health field: the instrumental view of art and the science thought approached by the universalization and generalization. In opposition, we propose that the health education must promote group constitution, critical and reflective process, and articulation of sensible and symbolic thought.*

### **KEYWORDS:**

*Popular Education.  
Theater of the Oppressed.  
Dialogue.  
Education practices in health.*



## **PRIMEIRO SINAL**

**31 de dezembro de 2019. Governo da China informa oficialmente à Organização Mundial da Saúde sobre surto de casos de pneumonia com etiologia desconhecida na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei.**

## **SEGUNDO SINAL**

**7 de janeiro de 2020. Pesquisadores chineses identificam o novo vírus causador dessa doença respiratória, que é batizado provisoriamente de 2019-nCov e, posteriormente, denominado por Sars-Cov-2.**

## **TERCEIRO SINAL**

**13 de janeiro de 2020. Na Tailândia, é registrada fora da China a confirmação laboratorial do primeiro caso de COVID-19 (nome dado à nova doença, do inglês “Coronavirus Disease 2019”) (MARTIN *et al.*, 2020).**



# UMA PANDEMIA ENTRA EM CENA

Num mundo cada vez mais globalizado, as várias semanas que os colonizadores de 500 anos atrás levavam para percorrer os oceanos e chegar aos diferentes continentes foram reduzidas a poucas horas com os avanços tecnológicos nos meios de transporte. Essa possibilidade de compressão do espaço-tempo, somada à alta transmissibilidade do vírus Sars-Cov-2 e à suscetibilidade da população humana, que até então não tinha contato com tal vírus, fizeram com que a COVID-19 passasse vertiginosamente de um surto localizado para uma pandemia mundial.

As respostas das agências multilaterais globais, dos governos locais e da sociedade civil organizada (ou não) foram incapazes de extinguir a feroz propagação da doença, que extrapolou fronteiras territoriais e continentais, atingindo quase todos os países do globo. A COVID-19 vem trazendo uma nefasta onda de mortes devido a uma combinação da própria história natural da doença com a incompetência programática do nosso Estado em ofertar, de maneira equânime, cuidados hospitalares de qualidade com alta densidade tecnológica.

No Brasil, os nossos milhões de contaminados e centenas de milhares de mortos são produtos de um complexo processo histórico de nanismo do Estado na efetivação do direito à saúde e de uma vida digna para a população:

Com o fortalecimento do neoliberalismo e os consequentes retrocessos nas políticas que garantiam um mínimo de seguridade social no Brasil, vínhamos vivendo a ampliação de um quadro de piora das condições de vida pelo aumento do desemprego, da precarização das relações de trabalho e do desinvestimento em políticas públicas de saúde, educação, cultura, meio ambiente, reforma agrária, agricultura familiar, dentre tantas outras áreas que estruturam, ou desestruturam, a vida. Concomitantemente, assistimos à reemergência de doenças e recrudescimento de outras, bem como o aumento das morbidades e das mortalidades, do feminicídio, da LGBTQI+fobia, de atos e discursos racistas,



da intolerância religiosa, da degradação do meio ambiente, do envenenamento dos nossos alimentos, da criminalização da pobreza, da legitimação do extermínio das populações pobres... (PARO; NESPOLI; LIMA, 2020, p. 1).

---

## **DAS CRISES NA DRAMATURGIA DAS HISTÓRIAS DE NOSSAS VIDAS**

---

Antes de a pandemia entrar em cena, já vivíamos uma crise política com a ascensão da extrema-direita no nível federal e, também, em diversos estados e municípios, que repercutia em ações fascistas e, por vezes, totalitárias, preocupadas em dar mais liberdade ao mercado. Essas atitudes só fortalecem a nossa relação de subordinação à ordem neoliberal mundial produtora e reprodutora de desigualdades sociais entre os países e entre determinados grupos sociais dentro de uma mesma sociedade.

Apesar de ser uma das propostas de sistema universal de saúde mais aplaudidas mundialmente, o nosso Sistema Único de Saúde (SUS) nunca recebeu o devido financiamento desde a sua criação. O subfinanciamento crônico leva os gestores do sistema a fazer “escolhas de Sofia” para a tentativa da garantia do acesso da população às diversas ações e aos serviços de promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação, com muitas disparidades entre regiões e entre grupos sociais. Isso ainda é combinado com diversos problemas de gestão articuladas desde as questões da administração pública brasileira à corrupção ainda tão fortemente presente na nossa sociedade.

Numa pandemia em que respostas do setor saúde precisam ser rápidas, eficientes e articuladas a outros setores sociais, a nossa crise sanitária só vem se agravando e, cada vez mais, para vários de nós, os mortos deixam de ser meros números apresentados na mídia: esses números



se materializam nas ausências eternas decorrentes das perdas dos nossos familiares, amigos, colegas de trabalho, entre outros, para os quais nem mesmo estamos podendo fazer nossos ritos culturais de morte.

A hegemonia dos discursos mesquinhos do “vai passar” e do “fique em casa” só demonstra a crise sociocultural em que também nos encontramos. Será que as casas de diversos moradores de favelas/vilas – que nem mesmo janela às vezes possuem – podem ser os melhores espaços para esperar a situação passar? Como lidar com a dor da fome dos familiares de muitas/os trabalhadoras/es que só conseguem trazer comida para suas casas com o que ganham dos seus serviços prestados ou produtos vendidos naquele mesmo dia? E o que falar então das pessoas que podem ficar em casa, mas já não se dispõem a cumprir com os seus próprios afazeres domésticos e continuam colocando a vida de domésticas, essencialmente mulheres negras, em risco, tal qual foi visto com a primeira morte por COVID-19 no Estado do Rio de Janeiro?

Tais discursos, portanto, naturalizam as iniquidades sociais e a desigual distribuição de poder e das riquezas do país e banalizam a vida. São mantras que só auxiliam num processo de individualização no enfrentamento da epidemia, que repercute numa culpabilização da vítima, em outras palavras, “a pessoa não se cuidou e, por isso, foi contaminada”. Discursos como esses são ancorados nos mitos da democracia racial, da meritocracia, de que a pandemia afeta a todos e, no mito de que, por conseguinte, estaríamos todas, todos e *todes* no “mesmo barco”:

Doce ilusão: enquanto alguns estão esperando passar tudo isso de seus iates, interconectados mundialmente com banda larga, outros tentam sobreviver à tormenta em cima de isopores à deriva, sendo desconectados do mundo virtual quando se finda o pacote diário de acesso à internet por celular (PARO; NESPOLI; LIMA, 2020, p. 1-2).

Estas crises política, sanitária, psicossocial e cultural compõem o que podemos configurar como uma crise civilizatória, em que estão em xeque os nossos padrões de sociabilidades e os modos como compreendemos e interagimos com o mundo que nos circunda. São vários os corpos que nos gritam para afirmar que não estão conseguindo respirar, sejam corpos negros ao chão com joelhos de “tiras” brancos em cima de seus pescoços, sejam pessoas que aguardam a espera de um respirador mecânico enquanto o vírus vai dominando seus pulmões, alvéolo por alvéolo.



# CRISES: ENTRE PERIGOS E OPORTUNIDADES

*Poeminho do Contra*  
*Todos esses que aí estão*  
*Atravancando meu caminho,*  
*Eles passarão...*  
*Eu passarinho!*

*Mario Quintana (2020, p. 257)*

Na dramaturgia do Teatro-Fórum, Boal denomina por “crise chinesa” o ápice do conflito que foi sendo apresentado ao longo da estrutura dramática, permeada por opressões, dificuldades, estratégias de luta e tentativas de resistência pelo protagonista. A escolha desse termo se dá porque:

Em mandarim, o conceito de crise é composto, sendo representado por dois ideogramas que representam conceitos associados: perigo e oportunidade. Momentos de crise são de perigo para quem os vive e, ao mesmo tempo, são oportunidades de aprendizado, de superação, de descoberta e de mudança (SANTOS, 2016, p. 232).

Interpelado por essa dupla face que a situação de crise possui, iniciamos esta seção propositalmente com a ambiguidade de Quintana em seu poema. Ora, os contextos de crise revelam situações-limite que, por vezes, podem parecer desafios intransponíveis, em que os sujeitos



que experienciam em seu cotidiano tais problemas são meros passarinhos, interpelados por grandes *passarões*, que, por sua pujança, são mais fortes. Ao mesmo tempo, podemos também entender que os obstáculos podem ser efêmeros, passageiros, desde que nos reconheçamos como *passarinhos*, seres que voam livremente e que, ao se alimentar, vão alimentando também possibilidades de crescimento dos bosques, das florestas, do verde que nos oxigena.

Numa primeira acepção, parece não haver o que se fazer quando alguém te impede de desenvolver algo. Afinal, o que é um *passarinho* perto de um *passarão*? Já na segunda, esse nanismo frente ao que está dado não ocorre: é o *passarinho* que, em movimento de voos e sobrevoos, vai vivendo sua vida, e, em vivendo a sua vida, os desafios vão passando e se superando.

Na primeira perspectiva, crise é somente sinônimo de perigo, mas, já na segunda, crise também é entendida como oportunidade. Para esta segunda acepção, há que se fundar numa visão de futuro que nega a sua inexorabilidade, tal qual nos propõe Paulo Freire (2016a). O futuro é, portanto, problemático em essência – afinal, se somos sujeitos históricos e conscientes de nossas ações no mundo, não somos seres pré-dados a algo, pelo contrário: podemos por meio de nossas ações transformar o mundo. É por isso que este educador afirma que “mudar é difícil, mas é possível” (p. 63) – e, como completa Freitas (2014, p. 44), – “urgente!”.

Em se assumindo que “não há cultura nem histórias imóveis” (FREIRE, 2016a, p. 32), podemos compreender o ser humano como alguém que faz e refaz sua realidade, que pode ser no sentido de adaptação a um mundo concebido a partir da narrativa de alguns poucos sobre a vida de muitos ou, então, no sentido da mudança, em que os sujeitos possam atuar na denúncia das feiuras deste mundo e, propositiva e coletivamente, no anúncio de outras possibilidades que tragam uma pluralidade de narrativas que foram por séculos reprimidas – narrativas de sujeitos para os quais não se permitiu contar as suas histórias. Isso exige assumir a politicidade do nosso agir:

(...) na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de entender, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, eticizar o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente sonhos por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para,



decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental. Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade (p. 35).

Por isso que a metáfora desses sujeitos em devir-(re)construtor na condição de *passarinhos*, tal qual proposto por Boal, ao comparar a função coringa do Teatro do Oprimido com esse animal, parece ser tão pertinente e atual para pensarmos nossas ações neste mundo. Por possuírem asas, passarinhos têm a habilidade de voar. Por fazerem parte da natureza, passarinhos se harmonizam com os seus demais elementos: constroem seus ninhos nas árvores, convivem com elas, multiplicam-nas.

**Aves**  
**Árvore, abrigo da ave**  
**Se a ave cansa**  
**A árvore a descansa**  
**Árvore-leito**  
**Abraço, alimento... respeito**  
**Ave-labuta**  
**Caminho, missão de luta**  
**Árvore, o Método**  
**Aves, praticantes**  
**Entre ambas:**  
**Bicos e frutas,**  
**Sementes e sementeiras.**  
**Aves se aventuram**  
**Árvores se perpetuam.**



Podemos compreender o aventurar-se dos passarinhos como o exercício cotidiano da construção da cidadania pelos sujeitos. No entanto, apesar do nosso *ethos* aventureiro, liberto e (re)construtor, há aqui que se fazer a referência às diversas gaiolas/jaulas para as quais somos capturados, às diversas amarras que prendem as nossas asas, aos diversos discursos que invadem nossos cérebros e nos inculcam a ideia de que não deveríamos voar. Tais contextos dificultadores dos voos são usualmente analisados como “determinantes sociais” por diversas perspectivas teórico-conceituais das ciências sociais. No entanto, partindo do ideário utópico-prático freiriano, há que se problematizar essa interpretação fatalista “que empresta a este ou àquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer” (FREIRE, 2016a, p. 63). No entanto, como afirma o autor, “recusar a determinação não significa negar os condicionamentos” (p. 69). Por isso que, para falar de nossos perigos e oportunidades, a nossa análise contextual deve conectar de forma espiralada o local ao global e o global ao local e, também, ser capaz de compreender estas jaulas, amarras e discursos como condicionantes dos nossos modos de viver. E, superando análises mecanicistas, refletir criticamente os agenciamentos possíveis no hoje para ir se construindo este novo amanhã, este outro mundo possível.

Temos que aqui reconhecer as formas como os saberes acadêmicos têm sido tradicionalmente construídos e o quanto o conhecimento universalizante e homogeneizador produzido dentro das universidades e dos centros de pesquisa tem hegemonicamente servido à perpetuação da individualidade, da injustiça social e da degradação da natureza.

A dicotomização entre humanidade e Terra que os saberes eurocêntricos coloniais nos introjetaram, por exemplo, precisa ser visitada, problematizada e revista, o que depende de que nós resistamos ao epistemicídio presente no ambiente acadêmico e valorizemos o debate com as cosmovisões de saberes que têm sido duramente oprimidos ao longo da existência da civilização humana:

(...) esse organismo, o vírus, parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente como a humanidade quis se divorciar da natureza. Ele está querendo nos ‘desligar’, tirando o nosso oxigênio. (...) A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos



vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. 'Filho, silêncio.' A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: 'Silêncio'. Esse é também o significado do recolhimento (KRENAK, 2020, p. 5-6).

Nesse contexto de crise, a recolha é uma atitude importante para que possamos nos afastar deste cotidiano, e, a partir desse outro lugar, conseguirmos então estranhar essa realidade em que vivemos, em que (re)produzimos nossas vidas, o que figuraria uma experiência gnosiológica nos termos de Freire (2016b).

Ademais, levando em conta a outra face semântica da palavra recolhimento relacionada ao ato de reunir o que está disperso, podemos aportar outro agir a esta "recolha": a de, mesmo afastado para estranhar, se movimentar por outros territórios para juntar essas epistemologias e essas perspectivas que estão soltas por aí para uma nova composição. Esse juntar não deve ser um compreendido por um mero exercício de somar partes, mas sim de exercício dialógico, de se construir novas sínteses, de se produzir novos conhecimentos. Diálogo aqui entendido numa acepção crítica, como:

(...) o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de ideias, ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2016c, p. 135).

Nesse sentido, o pensamento freiriano articula a partir da tradição marxista uma dimensão prática que dialetiza ação e reflexão, apostando na educação como ação política comprometida com a libertação dos oprimidos. Já a perspectiva foucaultiana traz uma filosofia como sabedoria de vida, que participa na construção de uma estética da existência (KOHAN, 2019).



Uma estética dialógica da existência exige movimentos que se contraponham a uma perspectiva antidialógica, tal qual Freire (2016b) explora em *Pedagogia do Oprimido*. Deve-se negar a ideia de conquistar o outro para a sua verdade (seja pelas vias mais duras/repressivas, como a violência física, seja pelas mais sutis/adocicadas, como o paternalismo), e partir para a co-laboração de sujeitos, que, em intercomunicação, se aventuram para desvelar o mundo, construir conhecimentos sobre ele e, coletivamente, transformá-lo. É essa assunção pela coletividade que também faz da ação dialógica um pautar-se pela união dos sujeitos, o que vai na contramão da histórica criação e do aprofundamento da cisão entre os oprimidos – divisão que serve para manter a opressão e a desigual arquitetura de poder-saber na nossa sociedade. Isso implica a organização criticamente consciente dos sujeitos que rejeita a manipulação das elites que mitifica a realidade e anestesia as classes populares para não se identificarem como sujeitos (re)construtores.

No plano da transformação social, que se dará também pela via de uma revolução cultural, há que se agir com alteridade, aprender com a diversidade e a diferença, buscar unidades nas diversidades, construir processos de síntese cultural. Freire aqui critica a postura de tradicionalmente estabelecermos antagonismos, em que o diferente de nós é inferior a nós. Por isso, radicalmente, afirma que “eu sou pela diferença” (2014, p. 226), afinal, “a rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu” (2016d, p. 97).

A síntese cultural a que se refere Freire (2016b) se contrapõe ao ato de violência da invasão cultural, manifestada desde a colonização que dizimou comunidades que se organizavam de outra forma até o “American way of life”, que nos vende um estilo de vida a partir do “consumo, logo, sou”:

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la (p. 205).

Podemos compreender as jaulas e as amarras que se relacionam com esse processo de invasão cultural a partir de Boal (2009a), quando ele tece críticas à “invasão dos cérebros” que “aliena



o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível. Reduz indivíduos, potencialmente criadores, à condição de espectadores” (p. 15).

Como os canais estéticos da palavra, da imagem e do som estão hegemonicamente sob a soberania das classes dominantes, produz-se uma anestesia estética com a ideia de apenas uma estética válida para todos. Para barrar o nosso ímpeto criador e fazedor da cultura, sofremos uma castração, com processos de cegueira, mudez e surdez estéticas. Tal analfabetismo estético “vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer a mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las!” (p. 15).

Problematizando estas questões, Boal propõe reposicionar o lugar do teatro e das artes de um modo geral na nossa sociedade, situando a dimensão ontológica da estética. Propõe uma Estética do Oprimido, uma Estética da Cidadania, afinal, “ser humano é ser artista e ser artista é ser humano. Arte é vocação humana, é o que de mais humano existe no ser” (p. 138):

***A Natureza não é bela;  
belos são os olhos que a miram.***

***2008, 2009, 2010... A noite cai  
sobre o mundo. Que fazer?  
Silenciar? Sinto sincero respeito  
por todos aqueles artistas  
que dedicam suas vidas à  
sua arte – é seu direito ou  
condição. Mas prefiro aqueles  
que dedicam sua arte à vida.***



**Em defesa da arte e da estética,  
em tempos de crise e de paz.**

**Arte não é adorno,  
Palavra não é absoluta,  
Som não é ruído,  
e as Imagens falam.**

*Augusto Boal (2009a, p. 5)*

Decerto que o antidiálogo e a invasão cultural não são fenômenos oriundos do nosso contexto pandêmico. A defesa da arte e da estética devem ser operadas, conforme o poema de Boal, tanto em tempos de crises, quanto em tempos de paz. No entanto, apostamos no momento dessas crises que vivemos como oportunidades de novos voos inéditos.

O ineditismo aqui não estaria atrelado necessariamente ao desenvolvimento/uso de tecnologias duras, mas sim às novas conexões que podemos fazer nas nossas “recolhas”, aos novos sentidos que podemos dar para a noção de sujeito. Por isso, devemos crítica e coletivamente analisar nossas jaulas, nossas amarras e os discursos cerceadores de voos, ou seja, nossas situações-limite, bem como compreender também nossa natureza, nossas asas e nossas potencialidades para poder executar atos-limite que superem tais desafios (FREIRE, 2016b). É, portanto, semear e colher o que Freire denominou de “inéditos-viáveis”: possibilidades de alçar voos ainda não feitos, mas que, a partir dessas novas conexões, podem ir sendo um exercício prático-dialético de transformação, dado que, aportando aqui o pensamento de Boal (2009a, p. 190), “o ato de transformar é transformador”.



# INÉDITO-VIABILIZANDO NOVOS VOOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA SAÚDE

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
mas não pode medir seus encantos.*

*A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem  
nos encantos de um sabiá.*

*Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.*

*Os sabiás divinam.*

*Manoel de Barros (1997, p. 53)*

Somente mesmo um catador de coisas, que deseduca com *ignorâncias* e escreve sobre o nada, poderia tão sabiamente trazer, por meio do sensível, esta crítica de como nossa sociedade concebe e se relaciona com a realidade. Por meio de um poema-assoio, Manoel de Barros consegue estremecer uma das bases do nosso “mundo contemporâneo”: a hegemonia da ciência e do tecnicismo como fontes privilegiadas de saber-poder.

Considerando que o conhecimento humano se trata de uma forma construída da experiência e não simplesmente uma descoberta, Deleuze já nos alerta de que:

A verdade não supõe um método para ser descoberta, mas procedimentos, mecanismos e processos para querê-la. Temos sempre as verdades que merecemos, em função dos procedimentos de saber (em especial os



procedimentos linguísticos), dos mecanismos de poder, dos processos de subjetivação ou de individuação de que dispomos. (1992, p. 145)

Em relação a esse ponto, o exercício genealógico que Foucault (2000) tece para pensar sobre diversos dos nossos impasses contemporâneos a partir de uma perspectiva histórica mostra como a formação do campo biomédico foi situando o cuidado em saúde como prática médica, como uma estratégia biopolítica, de governo da vida e de regulação dos sujeitos e seus corpos. Isso foi desvinculando o cuidado do agir político e da existência humana, dada a hegemonia de uma concepção tecnicista, racionalista-universalizante e individualista que só opera para a normalização da vida.

A compreensão do processo saúde-doença-cuidado somente a partir das disciplinas de base biológica tem influenciado hegemonicamente o saber e o fazer no setor saúde, produzindo um SUS e um sistema de saúde suplementar que se afastam da noção de saúde como cidadania, para ofertar, em contrapartida, ações e serviços a partir de um modelo assistencial reducionista, tecnicista, fragmentado e medicalizador, reproduzidor das desigualdades e injustiças sociais (GT EDPOPSAÚDE/ABRASCO, 2020).

Ao mesmo tempo, ao reconhecer as limitações desse modelo, emergem discursos nas ciências da saúde sobre a necessidade de se fazer circular e consumir o conhecimento científico por meio da arte:

Precisamos de ARTE. Que nos anime a enfrentar o descrédito da ciência e de cientistas. São dezenas de recomendações para cientistas se tornarem ativos na divulgação científica. A arte é um caminho essencial. Que venham mais filmes, peças de teatro, livros, poemas, pinturas, cartoons, charges, memes (CARVALHO; LIMA; COELI, 2020).

Mais uma vez constatamos a produção de discursos que colocam a arte somente como um mero “meio” para se fazer circular verdades biomédicas a serem acatadas pela população nas suas prescrições de medidas preventivas. Mais uma vez, vemos a racionalidade se sobrepondo à sensibilidade, como o sensível sendo um instrumento da razão.

Tais problematizações aqui são trazidas para que, em se reconhecendo o parco poder heurístico da ciência para explicar os encantos dos sabiás, como criticado por Manoel de Barros, precisaríamos



também valorizar o pensamento sensível no nosso processo de conhecer o mundo. No campo da educação na saúde, pensar essas intercessões entre saúde e arte para a formação de sujeitos abertos aos distintos modos de se conhecer passa por traçar novos caminhos que busquem composições sobre tensas e históricas polarizações:

(...) entre a arte e a racionalidade, entre a arte e a ciência, entre a arte como uma dimensão humana e a arte com um viés meramente instrumental, entre a arte como possibilidade de ser e a arte como ode a um único jeito de ser, entre a arte como problematização/construção do mundo e a arte como aceitação/adaptação ao mundo já dado, entre os processos artísticos que cotejam a dialeticidade da relação subjetividade-objetividade e os processos que caminham por um solipsismo subjetivista (DANTAS; PARO; CRUZ, 2020, p. 301-302).

Navegar por territórios tão demarcados e promover a composição de novos territórios para a educação na saúde não é algo pelo qual haja receitas, roteiros ou métodos. Trazemos aqui uma narrativa-escrevivência de um de nós: trata-se de uma das experiências para compartilhar com o leitor um pouco de uma de nossas andanças, que, certamente, não pode ser entendido como um caminho a ser replicado, mas sim como uma provocação para o seu próprio caminhar, sua própria experimentação:

Quintas. 18 às 20. Um auditório numa unidade básica de saúde. É neste cenário que estudantes, professores e profissionais de diversas modalidades da área da saúde se encontram rotineiramente para as atividades de ensino, pesquisa e extensão do Laboratório de Estudos de Atenção Primária à Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEAP/UFRJ).

Sujeitos em círculo para, em silêncio, se olhar. Por vezes, tais olhos se fecham com corpos estirados ao chão para serem guiados por viagens imaginárias. Por outras vezes, tais olhos são desafiados a ver tudo o que se olha: a estudar as imagens corporais produzidas, a ler as poesias ou narrativas escritas, a apreciar nossas pinturas, desenhos e esculturas criadas. Todo este material é uma composição de nós mesmos, de nós que se entrelaçam: trabalhamos com os “eus”, os “tus” e os “eles”, e, assim, vão emergindo alguns “nós”.



Sob o mote de trabalhar subjetividade, corporeidade e dialogicidade na saúde, nos colocamos em experimentAÇÃO, que passa pelo estudo crítico-sensível deste mundo e vai até o exame propositivo-participativo de alternativas para a construção de um outro mundo. Aqui, não nos interessa restringirmos a abordar questões técnicas da saúde: tematizamos, problematizamos e performatizamos tudo o que nos atravessa, afinal, o cuidado em saúde é atravessado por tantas coisas além de aspectos procedimentais, não é mesmo? Investigamos juntos as jaulas, as amarras, os discursos que cerceiam nossos voos para o cuidado de si, para entendermos nossas potencialidades na arte de cuidar. Nos oxigenamos ao estarmos juntos.

Simbólico e sensível aqui não se dissociam: as diversas linguagens e os diversos saberes são todos, sem exceção, considerados nas nossas criacionices. Ora somos palhaços; ora, desenhistas; ora, poetas; ora, profissionais de saúde... Sempre sujeitos!

**FIGURA 1**

Os nós do LEAP.  
Nota: criação de César A. Paro a partir da "Declaração de Identidade" da Estética do Oprimido.





# À GUIZA DE BAIXAR O PANO VERMELHO: POR UMA ESTÉTICA DIALÓGICA DA EXISTÊNCIA CIDADÃ NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

*Uma andorinha só  
não faz verão,  
mas pode acordar  
o bando todo*

*Binho, poeta paulistano*

Seguindo a máxima boalina de que “muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate” (BOAL, 2009b, p. 327), trazemos aqui algumas problematizações e sínteses finais para que o baixar do pano daqui contagie vários outros começos daí.

A primeira delas é de não nos rendermos à “ampliação paralisante” (AYRES *et al.*, 2003) quando da análise de tantas jaulas, amarras e discursos que nos oprimem e que devem ser transformados. Há que se superar fatalismos que geram imobilismos. Por isso, ao invés de centrarmos o discurso



na impossibilidade da andorinha em fazer verão, devemos ressituar nossas perspectivas, olhar para o que a andorinha pode fazer, tal qual alerta Binho.

A segunda é que é importante situar o exercício coletivo que deve haver na conjugação do verbo esperar, no ato de sonhar, na construção das utopias e na projeção de inéditos viáveis. Isso enseja gerar grupalidades, ao invés de serem perpetuados os individualismos.

Urge promovermos uma desobediência ao “mantenha isolamento social” – outro mantra vasta e equivocadamente repetido durante a pandemia – para, ao mantermos, na medida do possível, o “distanciamento físico”, nos aproximarmos, escutarmos e dialogarmos com outras vozes, a que, usualmente, não damos valor. Afinal, se somos seres essencialmente sociais, como seria possível nos isolarmos uns dos outros? As diversas experiências com que estamos lidando nestes tempos pandêmicos têm nos dado pistas de que, mesmo na virtualidade das conexões de seres a partir de lugares distintos mediados por tecnologias de comunicação, é possível operar presença, é possível estabelecer encontro. Nesse sentido, o que essas crises têm escancarado não é a nossa incompetência de “estabelecer contato”, mas uma incompetência para um “diálogo autêntico”, nos termos de Freire (2016b).

A terceira problematização diz respeito ao fato de que advogamos aqui pela experimentação no cotidiano formativo da potência do sensível. Isso não significa deixarmos de lado o pensamento simbólico, mas sim conjugarmos o sensível e o simbólico nas nossas práticas, promover processos formativos em suas “inteirezas”, que conectam saberes e sentires e conjugam os planos do refletir, do sentir, do querer e do agir. Se tais aspectos são importantes para a humanização do cuidado em saúde como prática profissional, psicossocial, educativa e comunitária, devemos operar nossas práticas de formação na saúde também numa perspectiva humanizadora! Afinal, como ensinar discursivamente a humanização quando não operamos no agir processos educativos a partir dessa perspectiva? Há que se diminuir ao máximo a distância entre o que dizemos e o que fazemos, para mantermos coerência com nossos princípios éticos (FREIRE, 2016e).

Por isso, conjugando a estética da existência em Freire e a estética do oprimido em Boal, reconhecemos aqui a importância de a formação ser operada a partir de uma **Estética Dialógica da Existência Cidadã** para a “ampliação das possibilidades de ação, de produção de conhecimentos



e de desvelamento de processos de ensino e de aprendizagens com olhar crítico, participativo, emancipador e, sobretudo, criativo, inclusivo e amoroso” (DANTAS; PARO; CRUZ, 2020, p. 301).

Como um último aspecto, há que se compreender todo processo formativo como um processo heurístico, em que a arte não está ali para representar o mundo, mas, sim, para apresentá-lo, criá-lo e experimentá-lo. Dar vazão às múltiplas linguagens humanas para compor-com-arte precisa também de abertura para novos formatos narrativos, escritoplastias e estilísticas para a produção do conhecimento (CARVALHO; PARO; EICHELBERGER, 2012). Em sendo uma processualidade, é importante que haja criticidade e reflexividade para que se possa aprender com o vivido. Afinal, “é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor” (FREIRE, 2016d, p. 108).

Para finalizar, desejamos a todos os *leitores-passarinhos*, que vão contar e performar a escrita de novas histórias construtoras de um “mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático” (FREIRE, 2016a, p. 37), o mesmo que Krenak (2020): cuidado e coragem.

É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível. Para combater esse vírus, temos de ter primeiro cuidado e depois coragem (p. 6).

---

## REFERÊNCIAS

---

- » AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita *et al.* O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. *In*: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 117-139.
- » BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- » BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.



- » BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b.
- » CARVALHO, Marília Sá; LIMA, Luciana Dias de; COELI, Cláudia Medina. Saúde Pública, Ciência e Arte. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 6, p. e0022920, 2020.
- » CARVALHO, Sérgio Resende; PARO, César Augusto; EICHELBERGER, Michele. Investigação, arte e performance: intercessões. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos (Orgs.). *Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...* Petrópolis; Brasília; Campinas: De Petrus; CNPq/MCT; ALB, 2012. p. 189-206.
- » DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo; PARO, César Augusto; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Educação popular em saúde, arte e múltiplas linguagens. *Revista de Educação Popular*, N. Esp., p. 298-311, 2020.
- » DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- » FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016a.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.
- » FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016c.
- » FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016d.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016e.
- » FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio – Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 39-45.
- » GT EDPOPSAÚDE/ABRASCO. Grupo Temático de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Educação Popular em tempos de pandemia: todas as certezas são provisórias. *Boletim da Anped*, Rio de Janeiro, abr. 2020. Disponível em: <<https://anped.org.br/news/>



[educacao-popular-em-tempos-de-pandemia-todas-certezas-sao-provisorias-gt-06](#)>. Acesso em: 08 ago. 2020.

- » KOHAN, Walter. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- » KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- » MARTIN, Pollyanna da Silva *et al.* História e Epidemiologia da COVID-19. *Revista Ulakes*, v. 1, n. esp., p. 11-22, 2020.
- » PARO, César Augusto; NESPOLI, Grasielle; LIMA, Luanda de Oliveira. Educação Popular em Saúde, mais do que nunca! *Revista de Educação Popular*, N. Esp., p. 1-5, 2020.
- » SANTOS, Bárbara. *Teatro do Oprimido: Raízes e Asas – Uma teoria da práxis*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.